

*Stela C. B. Piconcz (Coord.) • Ivani Catarina A. Fazenda*  
*Maria Luisa S. Ribeiro • Nélcio Marco V. Bizzo*  
*Nidia Nacib Pontuschka • Rosa Kulcsar*  
*Vani Moreira Kenski • Yara Boulos*

# A PRÁTICA DE ENSINO

E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO



PAPIRUS EDITORA

24ª Edição

A PRÁTICA DE ENSINO  
E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

STELA C. BERTHOLO PICONEZ (COORD.)

A PRÁTICA DE ENSINO  
E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

COLEÇÃO  
MAGISTÉRIO: FORMAÇÃO E TRABALHO PEDAGÓGICO

*Esta coleção que ora apresentamos visa reunir o melhor do pensamento teórico e crítico sobre a formação do educador e sobre seu trabalho, expondo, por meio da diversidade de experiências dos autores que dela participam, um leque de questões de grande relevância para o debate nacional sobre a Educação.*

*Trabalhando com duas vertentes básicas – magistério/formação profissional e magistério/trabalho pedagógico –, os vários autores enfocam diferentes ângulos da problemática educacional, tais como: a orientação na pré-escola, a educação básica: currículo e ensino, a escola no meio rural, a prática pedagógica e o cotidiano escolar, o estágio supervisionado, a didática do ensino superior etc.*

*Esperamos assim contribuir para a reflexão dos profissionais da área de educação e do público leitor em geral, visto que nesse campo o questionamento é o primeiro passo na direção da melhoria da qualidade do ensino, o que afeta todos nós e o país.*

Ilma Passos Alencastro Veiga  
Coordenadora



P A P I R U S E D I T O R A

Capa: Francis Rodrigues  
Copidesque: Niuza Maria Gonçalves  
Diagramação (19ª ed.): DPG Editora  
Revisão: Anna Carolina Garcia de Souza e  
Vera Luciana Morandin

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A prática de ensino e o estágio supervisionado/Stela C. Bertholo  
Piconez (coord.). – 24ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012. – (Coleção  
Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-308-0159-5

1. Estagiários – Educação – Brasil 2. Prática de ensino 3. Professores –  
Formação profissional – Brasil I. Piconez, Stela C. Bertholo. II. Série.

12-02713 CDD-370.710981  
-370.733

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Brasil: Formação de professores: Educação 370.710981
2. Estágio: Prática de ensino: Educação 370.733
3. Prática de ensino: Educação 370.733

Exceto no caso de citações, a grafia  
deste livro está atualizada segundo o  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
adotado no Brasil a partir de 2009.

**3ª Reimpressão**  
**2013**

Proibida a reprodução total ou parcial  
da obra de acordo com a lei 9.610/98.  
Editora afiliada à Associação Brasileira  
dos Direitos Reprográficos (ABDR).

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:  
© M.R. Cornacchia Livraria e Editora Ltda. – Papirus Editora  
R. Dr. Gabriel Penteado, 253 – CEP 13041-305 – Vila João Jorge  
Fone/fax: (19) 3272-4500 – Campinas – São Paulo – Brasil  
E-mail: editora@papyrus.com.br – www.papyrus.com.br

*Há a necessidade do redimensionamento da formação do educador, o qual implica a negação de um tipo “ideal de educador”, uma vez que não tem sentido a definição da sua competência técnica em função de um conjunto de atitudes e habilidades estabelecidas a priori. A ação do educador deverá, ao contrário, se revelar como resposta às diferentes necessidades colocadas pela realidade educacional e social. Para tanto, a sua formação deverá ter como finalidade primeira a consciência crítica da educação e do papel exercido por ela no seio da sociedade... Todos os componentes curriculares devem trabalhar a unidade teoria-prática sob diferentes configurações, para que não se perca a visão de totalidade da prática pedagógica e da formação como forma de eliminar distorções decorrentes da priorização de um dos dois polos. Acreditamos que esta alternativa traz em si a possibilidade de o educador desenvolver uma “práxis” criadora na medida em que a vinculação entre o pensar e o agir pressupõe a unicidade, a inventividade, a irrepetibilidade da prática pedagógica.*

Candau, V.M. e Lellis, I.A. *Rumo a uma nova didática*, 1989, p. 60.

## O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO ATIVIDADE INTEGRADORA

*Rosa Kulcsar\**

Consciente das constantes mudanças que o mundo atravessa, consciente e conhecedora da realidade do ensino brasileiro no momento, realidade em que se apresentam, com a intenção, entre outras, de acompanhar a dinâmica do mundo, várias propostas de reformas, que, porém, se tornam pouco viáveis devido à ausência quase total de uma infraestrutura, pretendo discutir uma experiência de integração da teoria à prática.

O primeiro papel a ser questionado é o da Universidade. Ao fornecer uma bagagem teórica específica que exige uma visão crítica da sociedade vigente, ela parece não conseguir formar um profissional competente, capaz de reoperacionalizar a teoria em relação à prática.

Um dos elementos de que a Universidade dispõe e que poderia ser redimensionado é o Estágio Supervisionado, obrigatório em todos os currículos de Licenciatura e Pedagogia, mas não devidamente explorado.

---

\* Professora no curso de Pedagogia da FE-USP e da PUC-SP.

A proposta está vinculada à ideia de um estágio voltado para o atendimento à comunidade, o qual deverá proporcionar o engajamento do estagiário na realidade, para que possa perceber os desafios que a carreira do magistério lhe oferecerá e possa, assim, refletir maduramente sobre a profissão que vai assumir. Esse envolvimento, em situações reais vividas, visará primordialmente à integração do saber com o fazer.

Considerando que a escola mudou e que sua realidade exige um quadro teórico de reflexão mais dinâmico, que ela pode ser vista tanto como reprodutora das desigualdades sociais quanto como capaz de modificar essas relações, devemos estudar essas contradições e examinar as condições que poderão facilitar a produção de resultados educacionais que favoreçam o atendimento da população escolar. É necessária uma revisão da prática do professor, do próprio saber gerado na Universidade, que quase sempre retrata uma produção reinterpretada. Além disso, a atuação crítica do profissional da Educação exige que se adaptem às necessidades da clientela as orientações vindas do sistema escolar que reduzem muito a liberdade do professor no processo decisório de sua atuação na escola.

Considero os Estágios Supervisionados uma parte importante da relação trabalho-escola, teoria-prática, e eles podem representar, em certa medida, o elo de articulação orgânica com a própria realidade.

Na colocação escola-trabalho, pode-se perceber a importância do Estágio Supervisionado como elemento capaz de desencadear a relação entre polos de uma mesma realidade e preparar mais convenientemente o aluno estagiário para o mundo do trabalho, desde que escola e trabalho façam parte de uma mesma realidade social e historicamente determinada.

Neste enfoque, o Estágio Supervisionado deve ser considerado um instrumento fundamental no processo de formação do professor. Poderá auxiliar o aluno a compreender e enfrentar o mundo do trabalho e contribuir para a formação de sua consciência política e social, unindo a teoria à prática.

Mas, para que isso ocorra, o Estágio não pode ser encarado como uma tarefa burocrática a ser cumprida formalmente, muitas vezes

desvalorizado nas escolas onde os estagiários buscam espaço. Deve, sim, assumir a sua função prática, revisada numa dimensão mais dinâmica, profissional, produtora, de troca de serviços e de possibilidades de abertura para mudanças.

Este trabalho surgiu da necessidade que os alunos de Prática de Ensino de Ciências Sociais da PUC-SP sentiram de conhecer um segmento da estruturação do ensino de 2º grau, participando de uma experiência de estágio cujo objetivo era uma proposta de discussão entre os relacionamentos da política educacional com o contexto social e econômico, além de uma tentativa de entender mais profundamente uma parte da realidade escolar do futuro campo de atuação profissional.

O primeiro passo, antes da elaboração do roteiro e das questões, foi uma visita de observação a algumas escolas selecionadas por grupo de cinco alunos e uma pesquisa de informações nas delegacias de ensino e na Cenp.

Essa investigação preliminar visava obter os dados gerais sobre o número oficial de escolas que optaram pela disciplina Sociologia no 2º grau, já que no estado de São Paulo a escola pode escolher entre essa e Filosofia e/ou Psicologia. Como resultado, adquirimos a certeza de que os dados obtidos nas repartições eram incompletos. Seguimos, então, o caminho mais longo: procurar os professores nas escolas e obter deles as informações de que necessitávamos.

Fizemos uma discussão em torno das condições precárias de algumas escolas da rede oficial, principalmente as do curso noturno, no que diz respeito a recursos tanto materiais quanto humanos, pois havíamos contactado 48 escolas.

Procuramos detectar o contexto de crise da situação de ensino, levantando uma hipótese preliminar:

- Até que ponto a chamada “democratização” do ensino – que levou a uma busca gradativa de uma escolaridade maior a um maior número de pessoas, com o aparecimento de uma “nova”

clientela – tem desencadeado uma fragilização do ensino dos conteúdos específicos das Ciências Humanas, principalmente os de Sociologia?

Das discussões em sala de aula com os alunos de Prática de Ensino, surgiram as seguintes questões:

- A escola está comprometida com o processo de ensino-aprendizagem mais adequado às condições reais da clientela?
- A escola realmente integra o aluno na sua realidade?
- A escola é um canal de reflexão para melhor formação do indivíduo social?
- A escola proporciona um conteúdo que auxilia o aluno na compreensão da realidade?
- A escola forma um aluno crítico e consciente como cidadão?

O segundo passo foi selecionar cinco escolas da Grande São Paulo. Foram escolhidas: EESG “Alberto Cardoso de Mello”, EESG “Di Cavalcanti”, EEPG “Prof. Antonio Firmino de Proença”, EEPG “Caetano de Campos” e EEPG “Profa. Maria José”.

O universo da pesquisa foi de 485 estudantes, 156 do curso diurno e 329 do noturno, com amostragem entre os alunos das 2<sup>as</sup> e 3<sup>as</sup> séries do 2º grau.

A faixa etária mais expressiva era de 17 e 18 anos, tanto para o noturno (51,53%) quanto para o diurno (70,50%).

A porcentagem de indivíduos do sexo feminino era maior (55,05%) do que a do sexo masculino (44,32%). No curso noturno, o sexo masculino é predominante (54,71%) e, no curso diurno, isso ocorre com o sexo feminino (77,56%).

Quanto aos pais, construímos três categorias de classificação: manual, não manual e improdutivos. Na primeira, os alunos especificaram

principalmente os operários, mecânicos e domésticas; no segundo, profissões liberais, comerciantes e técnicos; no terceiro, aposentados e desempregados.

Dentro desse quadro, encontramos as mães, na maioria, classificadas na categoria manual – 60,48% no noturno e 76,92% no diurno. Os pais estão em equilíbrio entre o manual e o não manual – 74,64% no noturno e 82,14% no diurno – com 23,01% de improdutivos no noturno e 16,02% no diurno.

Nas respostas às perguntas “abertas”, os alunos colocaram uma riqueza de informações que posteriormente serviu de base para as discussões programadas com os alunos de Prática de Ensino.

Dos alunos do noturno, 74,39% trabalham, o mesmo ocorrendo com 17,41% dos alunos do diurno, sendo a necessidade o fator mais apontado – 70,85% no noturno e 40,74% no diurno – seguindo de longe a segunda colocada: independência – 11,74% no noturno e 11,11% no diurno. Os que não trabalham assinalaram o desemprego como fator preponderante – 48,23% no noturno e 11,71% no diurno – seguido do estágio feito nas empresas: mão de obra barata sem responsabilidades trabalhistas – 35,93% no curso noturno e 15,29% no diurno. O que nos chamou a atenção foi que os alunos estagiários não o consideraram trabalho, embora tenham contrato por tempo determinado e sejam remunerados. Esses estágios nas empresas são obtidos particularmente, sem nenhuma vinculação com a escola.

Na pergunta “Você tem ocupação atualmente? Sim-não-qual?”, obtivemos 86,32% de sim para o noturno, dos quais 71,12% referentes ao trabalho, 13,02% ao estudo e 1,76% ao esporte, enquanto no diurno 65,75% colocaram o estudo, 31,50% o trabalho, e nenhum o esporte. Isso deixou claro que a clientela do noturno considera o trabalho mais importante que o estudo, ocorrendo o contrário no diurno. Chamou-nos a atenção também a pouca importância dada ao esporte nas duas turmas.

Quanto ao tipo de emprego, apareceram em ordem de importância: escriturário (50,76%), bancário (10,63%), *office-boy* (8,51%), secretária (6,38%), computação (4,25%) e telefonista (0,7%). Dessas, a maioria

tem registro em carteira de trabalho – 71,95%, para 23,40% não registrados.

Na pergunta “Seu trabalho tem relação com o curso que você faz?”, a esmagadora maioria – 72,03% no noturno e 64,10% no diurno – respondeu que não.

Esse resultado serviu de base para reuniões de discussão entre os alunos de Prática de Ensino e os de 2º grau, nos quais se percebeu a importância do tema, que poderá gerar um trabalho específico.

Na pergunta “Por que você está cursando o 2º grau?”, a esmagadora maioria – 63,55% no noturno e 55,76% no diurno – respondeu: “Para cursar uma faculdade”, percebendo-se, portanto, que o grande anseio dessa clientela é o diploma universitário, imaginando a faculdade como algo ideal, ao mesmo tempo em que, pelas respostas seguintes, criticam duramente a realidade em que vivem.

Quanto à pergunta, “O curso de 2º grau prepara você para o vestibular?”, a maioria – 71,42% no noturno e 77,56% no diurno – respondeu não. As razões apresentadas foram: má qualidade de ensino (62,55% no noturno e 63,63% no diurno), curso mal estruturado (14,89% no noturno e 29,75% no diurno), além de falta de interesse, material didático inadequado e falta de orientação.

Na pergunta “A escola auxilia você no trabalho?”, 53,33% dos alunos do diurno responderam afirmativamente, de forma curiosa, pois a maioria, como vimos na outra resposta, não trabalha. Chamou-nos a atenção o fato de que não houve nenhuma resposta que desse à escola o papel de orientador na escolha da profissão. Colocaram também em destaque “abre fronteiras (cultural)” – 30,76% no noturno e 6,66% no diurno –, “ajuda a enfrentar a realidade” – 11,53% no noturno e 10,00% no diurno –, e somente 6,73% dos alunos do noturno nomearam a possibilidade de ascensão social, o que nos levou a concluir que os alunos do 2º grau estão cientes da pouca importância da escola na classificação social no Brasil de hoje.

Na pergunta “A escola auxilia você no relacionamento com a família?”, o sim correspondeu a 40,64% no noturno e 7,57% no diurno,

para o item “auxílio no diálogo”, e 16,12% no noturno e 59,09% no diurno, para “melhora do nível cultural”, contra 18,51% no noturno e 2,29% no diurno, que acham que falta integração entre escola e convivência familiar, e 21,23% do noturno, que radicalizaram, achando que a escola e a família estão falidas.

A última pergunta foi: “A escola enriquece você culturalmente? Como?” 73,80% do diurno e 21,51% do noturno responderam que amplia horizontes de forma positiva, e, de forma negativa, apontaram o baixo nível 29,68% no noturno e 75,00% no diurno; a falta de vinculação das matérias estudadas com a realidade foi apontada por 17,18% no noturno. Outro item destacado foi que ajuda a convivência entre as pessoas – 13,54% no noturno e 10,31% no diurno.

Detectamos que os alunos do curso noturno colocam mais variáveis às respostas do que os do diurno, que classificaram no baixo nível as colocações sobre as frustrações em relação ao ensino, complementada com: “falta cultura aos professores” – 20,83%, o que dá uma resposta clara sobre o que pensam do seu cotidiano. Em contraponto, os alunos do curso noturno elencaram outras variáveis tais como: falta de vinculação da matéria com a realidade, conteúdo superficial, escola alienante, não desperta curiosidade, a escola dá liberdade excessiva aos alunos, só se aprende individualmente, a escola não dá oportunidades.

Esses dados foram trabalhados em sala de aula com os alunos de Prática de Ensino dentro de uma referência básica: o professor é o sujeito que tem a função de educador, a qual incorpora e ultrapassa as dimensões técnicas de seu trabalho e o âmbito da escola. Desse modo, a educação do professor não pode ser considerada sem uma ligação com a educação como um todo, e esta sem sua referência à realidade sociopolítica da cultura.

Há hoje um despertar geral, no âmbito da Educação, para seu significado social e político. Cresce cada vez mais a consciência de que o fato educacional está dentro desse parâmetro, e a ação dos professores deve acontecer dentro dessa realidade concreta da sociedade brasileira de hoje.

Os cursos de formação de professores devem proporcionar aos futuros profissionais uma ampla base de conhecimento para toda a atividade educativa, dando ênfase, no entanto, à de educador escolar.

A escola destaca-se, dentre as diversas organizações da sociedade, pelas suas características de intencionalidade e organicidade na apropriação dos elementos mais elaborados da cultura, isto é, o conhecimento com bases científicas que fundamentam o saber do homem.

O conhecimento elaborado, principalmente no decorrer dos anos escolares, adquire força educativa quando se torna instrumento capaz de auxiliar o sujeito a atuar concretamente na natureza e na sociedade de modo crítico e transformador.

A dualidade, sempre presente, entre informação e formação, instrução e educação fica superada pela sua relação com a prática social.

O ensino insere-se no núcleo do processo educativo, como mediação tanto mais importante quanto a cultura o incorpora e o exige como condição de atuação histórica do homem. O ensino não particulariza uma parte do todo, mas é uma das mediações articuladoras do fenômeno da educação com a realidade da sociedade.

A docência, determinada que é pela sua ligação com a apropriação e a participação na produção do conhecimento, tem lugar de grande importância no processo global da educação e é decisiva no processo escolar.

Atualmente, com o desenvolvimento da compreensão de que a formação do homem é prioritariamente definida no âmbito geral da sociedade pela mediação da escola, o ensino deve retomar o seu lugar no processo educativo escolar.

A mentalidade tecnicista da nossa sociedade e sua preocupação em fazer da educação uma simples criadora de mão de obra para a produção reduziram o professor à máquina de ensinar, simples transmissor “mecânico” de conteúdos culturais não reelaborados criticamente.

Sua formação ficou reduzida à aquisição de instrumentos que viabilizam a transmissão de conteúdos selecionados pelo sistema

educacional. Por isso, desapareceu em grande parte a preocupação de dar ao professor condições de reelaborar com os alunos o conhecimento crítico voltado para a criação de uma “nova” cultura e para a transformação das condições sociais de existência, deixando perder-se o seu papel de professor-educador.

Outro aspecto que confirma e agrava ainda mais as dificuldades na formação do professor como educador é o esvaziamento de sua opção profissional.

Como para nós Prática de Ensino é a disciplina que proporciona aos alunos o contacto com a prática social e cria condições para a percepção dos problemas inerentes à atividade docente, para a proposição de alternativas de solução a esses problemas, analisando-as criticamente, fazendo a aplicação de uma proposta dentro de um processo orientado de Estágio Supervisionado, colocamos em discussão a montagem e a prática de uma unidade de ensino nas escolas pesquisadas, para sentir um retorno do nosso trabalho na universidade.

Organizamos grupos de trabalhos para discussões bibliográficas, sendo utilizados:

ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1984.

NIDELCOFF, M.T. *Uma escola para o povo*, São Paulo. Brasiliense: 1983.

\_\_\_\_\_. *A escola e a compreensão da realidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez, 1983.

SILVA, M. (coord.). *Repensando a história*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

Ao mesmo tempo em que ocorriam essas discussões nas aulas de Prática de Ensino, os estagiários acompanhavam as aulas da área de Ciências Humanas nas escolas determinadas, observando alguns aspectos relevantes do cotidiano na sala de aula, tais como conteúdos apresentados, relação professor-aluno, estratégias utilizadas, livros didáticos, materiais didáticos, avaliações.

Eles obtiveram autorização das diretorias das escolas para utilizar duas aulas para a discussão do resultado da pesquisa feita com os alunos do 2º grau, o que se mostrou uma estratégia positiva, pois permitiu um relacionamento maior entre os envolvidos, dando oportunidade a algumas colocações sobre o problema educacional e a realidade brasileira atual.

Esse contexto dinâmico permitiu-nos um planejamento da unidade, de acordo com os anseios gerais, e uma colocação prática imediata, aproveitando o ambiente favorável, pois os diretores cederam classes para a formação de grupos de estudos aos sábados de manhã.

O tema condutor, escolhido de comum acordo, foi “Os partidos políticos do Brasil e sua história”.

Os estagiários montavam as atividades nas aulas de Prática de Ensino, respeitando as peculiaridades de cada escola. As estratégias utilizadas foram: leitura de jornais e revistas, discussão de textos, principalmente em forma de painel, no qual o aluno podia posicionar-se, e simulação de uma eleição.

Ao final dessa atividade, que constou de cinco seções, houve uma avaliação positiva por parte de todos os participantes.

Os alunos-professores sentiram que estavam envolvidos efetivamente em um trabalho sério que proporcionou muitas reflexões sobre o trabalho profissional do educador.

Algumas considerações foram tiradas, tais como:

- a escola é tida pelos seus alunos como algo à parte de sua realidade cotidiana;
- a escola não ensina o aluno a refletir sobre a sua realidade;
- o conteúdo que a escola proporciona é distante, em parte, da realidade cotidiana e pouco serve para auxiliar o educando na compreensão dos fatos políticos, sociais e econômicos que o cercam;
- a escola de 2º grau ainda não encontrou o seu caminho de adequação às reais necessidades de sua clientela.

Os alunos do 2º grau sentiram prazer em fazer parte de um trabalho no qual podiam discutir de forma aberta suas dúvidas.

Quanto aos professores das classes envolvidas na experiência, acompanharam o trabalho com interesse, embora não estivessem envolvidos diretamente. Ao tomarem conhecimento dos resultados da pesquisa, formaram grupos de discussão para uma reflexão sobre o papel do educador na sociedade.

Detectaram que, aliados aos problemas que englobam os recursos materiais, estão os que interferem na qualidade do trabalho do professor, que muitas vezes não encontra apoio para a sua atuação ou simplesmente não dispõe de espaço para a execução.

Além desses, o sistema educacional não consegue lidar com os problemas de ordem social e política, pois à escola faltam objetivos coerentes para uma perspectiva de mudança ampla, pois, como vimos, ela está defasada em relação à realidade de seu alunado.

Quanto à Prática de Ensino, fez uma leitura de uma determinada realidade, cumprindo o seu papel de interpretá-la com a reelaboração dos elementos teóricos obtidos pelos alunos nas demais disciplinas pedagógicas, com a formulação de propostas de atuação em situações particulares pinçadas da realidade social mais ampla; criou condições para que o aluno se conscientizasse da importância social do seu papel de educador, posicionando-se criticamente perante o seu próprio conhecimento, percebendo suas limitações e as consequências daí decorrentes e adquirindo um instrumental para tratar esse conhecimento como objeto de ensino e fazer de sua prática pedagógica um processo contínuo de investigação.

# A PRÁTICA DE ENSINO

## E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Estaria o estágio hoje cumprindo sua função primordial na formação do professor?

Com vistas à transformação do quadro desanimador que se exhibe atualmente na relação entre teoria e prática, os autores desta coletânea apresentam uma reavaliação crítica da verdadeira função do estágio no ensino e da prática pedagógica que vem se realizando, com frequência, distante da realidade à qual deveria estar vinculada.

Com base em depoimentos dos alunos, comentários dos professores e avaliações dos docentes de Didática e de Prática de Ensino, somos levados a refletir e questionar sobre a reformulação do estágio e sobre o que esse meio de contato com a prática pode proporcionar àqueles que se dedicam à carreira do magistério.

24ª Ed.

ISBN 978-85-308-0159-5



P A P I R U S E D I T O R A